

# Notícias de Guimarães

Ano 17.º N.º 867  
GUIMARÃES, 12 de Setembro-1948  
Red. e Adm., R. da Rainha, 66-A. Tel. 4319  
Comp. e Imp., Miserra Vimaraneses. Tel. 4377  
Visado pela Censura. **Avença**

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

## Homenagem à Classe do Professorado Primário

Divulgaram os órgãos da imprensa, mormente os de feição pedagógica, que a benemerita e prestigiosíssima «Sociedade de Geografia» ia prestar justa homenagem, em sessão pública, a efectivar em Lisboa, à Classe de Professorado Primário.

Essa douta colectividade que possui um palmarés honrosíssimo e que tão relevantes serviços presta à Causa Nacional foi sempre — mister é acentuá-lo — defensora acérrima, dedicada dos interesses e aspirações legítimas do Professorado, extrínseca colaboradora dos agentes de ensino na obra grandiosa, altamente cultural e educativa, do Intercâmbio Escolar, que ela própria patrocinava.

Vai, pois, a Capital, por libertação e livre iniciativa duma das suas mais culturais agremiações, render homenagem ao cabouqueiro da instrução popular, em sessão solene, magna, de glorificação ao esforço persistente, tenaz dos agentes de ensino, do modesto professor primário, do Mestre das 1.ªs letras, daquele que com *doçura evangélica*, com paciente resignação, com o dispêndio das maiores energias, com o exemplo da sua conduta irrepreensível, da sua moral íntegra, intangível — guia, educa, ampara, leva a criança quase até ao limiar da adolescência, como o mais extremo Pai.

O mestre vive, sente a sua Escola, os seus alunos, os seus petizes. Compartilha das suas mágoas, dos seus desgostos, vibra, nas horas altas dos seus sucessos, nos exames.

Nos meios rurais, em especial, é ele o conselheiro das populações, familiarizando-se, consubstanciando-se, nos momentos mais solenes da Vida, com a sua presença e a au-

réola de verdadeiro Apóstolo, ensinando Pais e Filhos!

Sempre modesto, mas sempre digno, despido de vaidades, do egocentrismo do nosso século, a sua missão é um verdadeiro e lídimo sacerdócio.

O Padre e o Professor — ambas as missões se completam, como corolário, resultante, conjugante duma mesma Força Espiritual — são as duas autoridades preponderantes da freguesia.

Quem estas linhas escreve curso o ensino secundário e rompeu também os fundos das calças nos bancos da Universidade, sem ter a dita, contudo, de terminar uma formatura. Mas isto não vem para o caso. O que interessa é que de todos os Professores que tive, Aquelle que me ficou verdadeiramente na lembrança e no coração, lembrança indelével, que jamais o tempo pode diluir ou esquecer, foi o meu Mestre das primeiras letras!

Vai a «Sociedade de Geografia» homenagear o Professor Primário?

Convidem-se para presidir a manifestação de tão transcendente importância Suas Excelências o Presidente do Conselho e Ministro da Educação.

Foi Salazar quem criou uma *mentalidade nova que já fez ressurgir Portugal* aos olhos do mundo!

Que a sessão de homenagem se efectue não nos limites acanhados dum dos salões da «Sociedade de Geografia», mas antes num recinto mais amplo, numa das casas de espectáculo de Lisboa, no «Teatro Nacional», por exemplo.

Eis o que julgo oportuno sugerir sobre tão merecida e justa homenagem ao Professor Primário.

Prof. Joaquim Martins Lima.

## Chapéus de Paris

Pela primeira vez na história da Moda foram les modistes, as criadoras de chapéus que deram o primeiro passo, apresentando as suas colecções antes dos costureiros.

Os seus inventos que plenos de graça e fragilidade.

Quais as linhas adoptadas? Sobretudo Directório e 1910, mas também: China, Arábia, 1860.

O turbante quer voltar, levemente bicudo, género pagode chinês e feito em largas fitas com franjadas pontas caídas.

O barrete de pele triunfa, tanto em pantera como em lontra e arminho.

A cloche também; não como a horrível «luva de feltro», enterrada na cabeça, mas graciosamente deitada pra trás, deixando a franjinha, as repas a descoberto. E adoptando feitios vários: tricorne, bourrelet, boina de pagem.

Reina a assimetria na moda outonal.

CLAUD SAINT-CYR prefere as linhas oblíquas nos bonés de policas e nos Peter Pan. Utiliza veludo e jersey.

MAND ET MANO apresenta a cloche cónica com a aba estendida para a frente lembrando chapéus de trovadores.

CAROLINE REBOUX faz partir o chapéu da nuca quer seja boina ou cloche de abas viradas. Emprega panne, veludo e plumas.

GILBERT ORCEL cultiva o orientalismo e o estilo Império, assim como a capota de M.<sup>me</sup> Stael.

ROSE VALOIS criou o chapéu-viagem que se acha sem se deformar — como as claques antigas.

ROSINE, uma nova, lança o chapéu de coco e apresenta o shako de pele, de inspiração russa. E o chapéu alto.

Cada qual tem o seu estilo. De tudo isto resulta que as formas principais são: cloche,

## Nossa Senhora da Penha

Por promessa e devoção  
De minha mãe, que Deus tenha,  
Trago sobre o coração  
Nossa Senhora da Penha.

Nossa Senhora da Penha,  
Por um milagre de amor,  
Quando eu era pequenino,  
Como nascesse franzino,  
Deu-me saúde e vigor.  
Assim, por que a Fé mantenha,  
E indelével gratidão,  
Trago sobre o coração  
Nossa Senhora da Penha.

Nossa Senhora da Penha  
Defende as causas com brilho;  
Ao intervir na demanda,  
Ela pede e quer e manda,  
— Lá tem Seu Divino Filho!  
Por que sempre eu peça e obtenha  
Nos momentos de aflição,  
Trago sobre o coração  
Nossa Senhora da Penha.

Nossa Senhora da Penha,  
Em dia de feliz sorte,  
Ouviu a promessa ardente,  
E eu jurei solenemente  
Respeitá-la até à morte.  
Porque em fazer bem se empenha,  
Eu guardo a recordação;  
Trago sobre o coração  
Nossa Senhora da Penha.

12 de Setembro de 1948.

MENDES SIMÕES.

## PENUMBRAS

Um dos acontecimentos que mais profundamente impressionou Ricardo foi a inesperada morte da mãe, quando apenas tinha 18 anos de idade.

Um dia ela fôra à missa como de costume e, durante essa cerimónia, teve uma pequena tosse teimosa e sufocante, logo seguida de uma grande hemoptise, que borrifou e estrelou de sangue vivo e espumoso um largo semi-círculo do pavimento da igreja. Duas pessoas amigas que estavam ao lado, acorreram em seu auxílio; ajudaram-na a levantar-se e trouxeram-na amparada e meio desfalecida para casa, onde esteve de cama durante dois meses, com febre elevada.

Uma manhã muito cedo, em que parecia sentir-se melhor, as melhoras da morte, chamou pelo filho dizendo-lhe com voz custosa e comovida: foste sempre muito amigo de tua irmã, bem sei, mas hoje, não sei porquê, sinto cá dentro uma força que me obriga a pedir-te que olhes por ela... que olhes sempre por ela!

Ricardo estremeceu e empalideceu com aquela inesperada recomendação, e olhou fixamente para a mãe, tentando perscrutar os seus pensamentos. Ela, porém, continuou: se eu morrer... um dia qualquer, que hoje sinto-me melhor um pouco, mas ainda muito cansada, como vês!... A febre queima-me, transtorna-me!... E o suor banhava-lhe o rosto terroso escuro, onde sobressaíam os lábios violáceos.

turbante, directório, boina, capota, niniche.

Materiais: veludo em fitas ou a metro, panne, peles, feltro, tanp, cetim, flamond.

Guarnições: plumas, elítros de insectos, laçadas, milofoforos, bordados, peles.

Cores: cereja, gris-toupeira, verde-amendoa, lilás, azul-céu, tabaco, castanha da Índia, castor, azul-ultramarino.

Guarda as suas fitas, minha senhora: faça com elas o primeiro chapéu que há-de virar a esquina do Outono.

Aurora Jardim.

Ricardo, comovido e assustado, explicou que não falasse mais; que era escusado recomendar-lhe nada. E, então, apressadamente, em forma de juramento solene, como para pôr ponto final naquele assunto que tanto o afligia, disse: Eu bem sei o meu dever! Pode crer, minha mãe, que serei sempre um bom filho... e um bom irmão! Estas últimas palavras, porém, foram já proferidas por entre lágrimas e soluços, que rebentaram intempestivamente.

Sua mãe, que ficara prostrada, de olhos cerrados, com o esforço que fizera, teve um violento sobressalto ao ouvir os gemidos do filho e, como se tivesse acordado naquele momento, abriu muito os olhos, olhou em redor e disse pausadamente, depois de coordenar novamente as suas ideias: Não chores meu filho, eu hei-de sarar — eu é que hei-de olhar sempre por vós! Olha, tenho sede, sinto-me tão fraca! Traz-me leite.

Ricardo foi a correr à cozinha e pediu uma chávena de leite a sua irmã que, perturbada e nervosa pelas contínuas e apressadas solicitações do irmão, já nem sequer atinava com as coisas.

Quando chegaram junto dela encontraram-na muito calma, como que adormecida, mas com as faces mais brancas, mais transparentes, mais lisas, o nariz um pouco mais afilado, os lábios mais descolorados. Parecia um dormir estranhamente sereno e profundo.

Clotilde teve o rápido pressentimento de que sua mãe estava morta. Olhou ansiosa e interrogativamente para o irmão que, maquinalmente, respondeu também à sua própria dúvida: Não, não está!... Não pode ser! Ainda agora me falou!...

A seguir, com repentina pressa de afugentar tão tormentosa dúvida, tomou-lhe a mão e concentrou toda a sua sensibilidade nas pontas dos dedos, tentou sentir-lhe o pulso, mas os seus dedos, as suas fontes, o seu coração, todo o seu corpo latejava de tal maneira que, aumentando-lhe a confusão, aumentava-lhe também a dúvida e o desespero! Com ansiedade crescente levantou-lhe rapidamente as pálpebras moles, empastadas, e fixou por momentos as pupilas dilatadas, imóveis e embaciadas com perturbantes e ilusórios reverberos de acuidades visuais!... Inconscientemente pegou ainda no espelho da mezinha de cabeceira... mas os gemidos de sua irmã acordaram a sua consciência. Não era preciso mais nada! A mãe estava morta! Teve vontade de fugir, de

## A Peregrinação de hoje à Penha

À hora em que circular este número do nosso jornal, vão a caminho da Penha muitos milhares de peregrinos, animados pelo mesmo sentimento religioso, murmurando preces e entoando hossanas em louvor da Virgem Maria, Nossa Senhora e Rainha dos Portugueses.

A tradicional Romagem de Fé e de Amor, que constitui sempre uma afirmação eloquente dos sentimentos católicos da gente de Guimarães e dos concelhos limítrofes, vai por certo escrever mais uma página brilhante na história desta cidade, constituindo espectáculo maravilhoso e emocionante.

Vão repicar festivamente os sinos no alto da Montanha e lá se hão-de reunir dezenas de milhar de pessoas para implorarem a Paz e pedirem à Virgem que continue a velar pela nossa Terra, pelas nossas Famílias.

## Vitória Sport Club

Foi enviada ao Sr. Presidente do Município a seguinte representação:

Guimarães, 3 de Setembro de 1948  
Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Câmara Municipal de

GUIMARÃES.

Ex.<sup>mo</sup> Sr.  
Convocou V. Ex.<sup>a</sup> para o próximo dia 14 a reunião do Conselho Muni-

desaparecer para sempre, de morrer, mas aniquilado por amargurada contrição e dor profunda, senti dobrarem-se-lhe os joelhos e caiu junto da cabeceira da cama, unido amorosamente o rosto lacrimoso ao rosto ainda tépido de sua mãe. E depois de vencer a instintiva repulsa do primeiro contacto, beijou-a terna e demoradamente na face, balbuciando: Mãe, querida mãe, perdoa-me! — diz que me perdoas! Impossível!...

Olhou com horror para a irmã que, sentada aos pés da cama e com o rosto encoberto pelas mãos, se lamentava: Que há-de ser de mim! Que há-de ser de mim! Que há-de ser de mim!

Levantou-se lenta e penosamente, puxou-a para si, beijou-a nervosamente e cingiu-a demoradamente num transporte frenético de muda ternura. E que haviam de dizer um ao outro, se as palavras nada podiam remediar? A realidade era medonha.

O tempo foi passando e com ele as arestas vivas de tantas recordações. Tempo — neblina de memórias... esquecimento!

Uma tarde, ao voltar para casa, Ricardo não encontrou a irmã. Em seu lugar, uma simples frase: Para sempre!

Clotilde desaparecera silenciosa e enigmáticamente, tal como sempre fora. Ricardo profundamente perturbado e confuso quedou-se demoradamente a olhar essas duas palavras quase ilegíveis, escritas na capa do seu diário. As letras grandes, disformes, indecisas e isoladas, mais pareciam um jogo cabalístico arrancado ao mistério da sua sombra, que sinais convencionais da linguagem escrita.

Ricardo estremeceu de medo ao lembrar-se por momentos dos seus olhos acinzentados, quase opacos, que reproduziam com rigorosa fidelidade as apagadas tonalidades da sua alma torva e impenetrável. Durante muitos meses não saiu de casa. Aquele frase atraía-o e imobilizava-o.

Continua.

I. V. C.

## Padre Américo

Ao certo, ao certo saberá alguém definir a tua alma singular?  
Ela transcende o coração de mãe por ser imensa como o próprio mar!

Até agora não achou ninguém imagem a que a possa comparar, nem se compara o brilho que ela tem à luz do sol, à prata do luar...

Só nos dirá, vibrando, o sentimento que te fizeste vida e pensamento de tantos a quem dá o amor e o pão.

E ao certo, ao certo sabe-se, afinal, que és lar, família, pai, berço natal dos que não sabem de que terra são!

LUDOVINA FRIAS DE MATOS.

# Águas passadas...

## O DOIDO E O BORRACHO

Não é — sosseguem — dramalhão de faca e alguidar. Está longe de ser, o que aqui vou contar, novela rombolesca. Se o caso, por estranho, mete drama ou tragédia, nem por isso o invento a minha fantasia. Apenas desenrolei uma ocorrência, cujo palco foi a nossa terra.

As principais personagens deste acto de *teatro granguignol*, foram nossas conhecidas. Sua vida desenrolou-se à nossa volta. Não são figuras de ficção.

O Doido e o Borracho nesta sociedade, mal ou bem constituída, oferecem-nos esta fórmula matemática:  $1 + 1 = 0$ .

Sim, os dois desgraçados, embora com todas as características de criaturas humanas, eram — zero!

Andaram por aí, aos baldões. Um, exibiu-se no tablado cidadão — era o Borracho. Outro, tinha por cena os campos de Creixomil — era o Doido.

Viviam, é certo, sob a vigilância carinhosa das suas respectivas famílias. Mas, coitados dos pobres, sem recursos! O amor familiar não bastava, como protecção e defesa, aos dois infelizes. De que resultava, às vezes, andarem a encomodar, a perturbar a rua.

O Borracho, com o seu jeito discursivo, se algumas vezes divertia os rapazes, outras dava que fazer à polícia. Com o Doido, os efeitos deviam de ser os mesmos.

Era, pois, em obediência à ordem pública, que os agentes *limpavam* a rua, levando estes detritos sociais para a esquadra. Ali, perto, os tinha mais abaixo d'ólho.

Não seria, talvez, uma solução filantrópica. Contudo, como terapêutica de emergência, era um paliativo. Pelo menos, enquanto o Doido e o Borracho estavam na esquadra, davam-se a aparência de que este Mundo é, o melhor dos Mundos...

E as respectivas famílias dos dois infelizes, tinham com este sequestro prisional, algumas perspectivas de calma. Sim, porque o Doido, embora tivesse intermitências de juízo, por momentos era atacado de fúria. Com o Borracho, dava-se o mesmo. Alcoólico incorrigível, só não bebia aguardante quando ressonava. E como representava vários papéis, tanto era inofensivo como truculento, desordeiro.

Nestas variantes, sucedeu que um dia, foram estes dois personagens da desventura varridos para a esquadra.

Outra fosse esta sociedade em que vivemos, já o Doido e o Borracho teriam sorte diversa. Punhamos, porém, de banda, o arrazoado das belas teorias proteccionistas e assistenciais. Fiquemos, apenas, o quadro que se vai desenrolar entre o Doido e o Borracho. Juntos, no mesmo presidio da esquadra, como se fossem criaturas normais.

Não puderam os nossos olhos presenciar o efeito desta simbiose demoníaca. Outro tanto não dirão certos curiosos que, ao passarem pela rua de Santa Maria — onde ficava a esquadra que retinha o Doido e o Borracho — se penduravam na grade, a *gozarem* o macabro espectáculo dos dois mentecaptos. Não será todavia coisa difícil o imaginar, quanto se passaria de tristemente exótico entre estes dois moradores da mesma cela.

Durava esta situação há bastante tempo. Era preciso evitar a continuação do estranho espectáculo. E fez-se isto: como não bastasse a proibição e a exorta da policia para afugentar os curiosos, foi elevada a altura da tampa que encobria a vista da rua para o interior.

Entretanto que na sombra tumular da cela os dois desventurados se entretinham, degladiando se, a Autoridade — quero sinceramente acreditar! — tentaria alcançar que o Doido fosse internado numa clinica de alienados, coisa aliás difícil.

Quando ao outro, o Borracho, voltaria à rua, como detrito, até que outra vez o varressem. — Lixo, vasourá, carroça!

Nestas e outras andanças, foi o tempo correndo. Eis que, um dia, o Doido e mais o Borracho, rolando no pélogo de suas desvaídas razões,

a murro e a dente, lutaram, como feras dentro da jaula!

Quando, aos gritos dos desgraçados, a policia entrou na cela para onde atiraram, em má hora, um Doido e um Borracho, depara com o patético desta cena: — um homem prostrado no taburno, lívido, sangrento, e, sumido a um canto, outro homem, de olhar espamódico, marasmado!

«Simples ocorrência policial» — houve sissudo burguês que chamou a este duelo *provocado* entre um Doido e um Borracho.

Feito o respectivo exame obituario, apurou-se: que o pulso forte do Doido, apertando até ao estrangulamento, os testiculos do Borracho, o matára!

Cirurgia violenta? Sim. Mas só ela despertara a consciência colectiva do povo, que dorme sonambulamente.

E, logo pela cidade — nomeadamente entre os opeários — turvo rumor correu desta tragédia. — O lavrador, o doido de Creixomil, matou o *Bate-fôlha* sapateiro!

Não é que o *Bate-fôlha* fosse um tipo popular, estimado. Para a maioria das gentes, era um bóbo, com quem se divertiam. Tinha fases e frases discursivas. Exploravam lhe os destambelamentos de alcoólico. Quanto mais aguardante emborcava, mais se desentramelava com ditos e facécias.

Dizia-se, espirituosamente, «ourives de sola». Sapateiro, não.

Um dia, em alta voz, clamava ele, na Porta da Vila — que eu era «o pai» de seus filhos! Alusão era esta que, visava a destacar, o facto de lhe haver internado dois filhos: um nas Oficinas de S. José, outro no Asilo de Santa Estefânia.

Mais clamava, em aguardante voz: — tinha, às minhas ordens, lá em casa, mais cinco filhos.

Era, o pobre *Bate-fôlha*, rico de filhos.

Caso foi que a gente do povo teve pena do *Bate-fôlha*; não porque morresse, mas porque foi morto; e, morto, em circunstâncias trágicas.

Um caso de psiquismo popular se observou então.

A' hora do saímento fúnebre, uma densa multidão, junto do Hospital da Misericórdia, aguardava. Queriam acompanhar o cadáver do *Bate-fôlha*.

Piedade? Sim, piedade pela desventura. Mas também explosão de protesto. Como se o senso comum da gente da rua gritasse:

*Não houvesse a Autoridade metido na mesma cela o Doido e o Borracho, e a tragédia não se daria!*

Err, porém, já agora necessário, fazer parede Encobria a Autoridade. Evitar a discussão do caso. Para isso convinha se impedisse que a multidão jizesse cauda atrás do caixão mortuário. Razão porque a Guarda Republicana logo começou actuando, fazendo dispersar o povo.

E o enterro lá seguiu, pelo caminho mais curto, para a Atougua.

O sudário da noite, caiu sobre os mortos e os vivos. Pesadume e remorso.

Quando ao Doido, continuou na cela onde cometera o seu crime.

O seu crime? — Não digo bem. O desvaído da razão, era um irresponsável. Tanto assim que, o Juiz do Crime, não teve de mover-lhe processo.

Passando uns dias depois, junto do postigo que se abria na porta da cela onde estava o Doido, chamaram a minha atenção para o desgraçado.

— Coitado! Para aqui está... esquecido!

Funda, impenetrável melancolia se estampava no olhar do infelicidado lavrador de Creixomil.

Algumas semanas depois — sob minha proposta, na Junta Geral do Distrito — o Doido, dava entrada na Casa de Saúde João de Deus de Barcelos.

E lá morreu, anos andados.

Porto.

A. L. de Carvalho.

de corpo e espírito para poderem encarar com optimismo a vida de trabalho que os espera.

Não vem o Vitória pedir a construção desse estádio para si. Vem, sim, pedir a V. Ex.ª que deixe o seu nome, já prestigiado como médico distinto e como cidadão exemplar, ligado ao início de uma obra que seja pertença de todos e que há-de ser bendita por quantos dela possam aproveitar, incluindo no orçamento para 1949 uma verba que seja a garantia segura de uma imediata realização. E se para o seu prosseguimento V. Ex.ª necessitar da nossa modesta colaboração, desinteressadamente lhe oferecemos em nome dos nossos dois mil associados e daqueles que pela modéstia das suas posses o não podem ser mas sempre estão connosco nos momentos cruciais.

Digne-se V. Ex.ª aceitar os protestos da nossa mais alta consideração.

A BEM DA NAÇÃO.

Pela Direcção, o Presidente,

Antero Henriques da Silva.

## No MEU CANTINHO

Caso muito aborrecido.

A minha ordem e a minha memória juntam-se por vezes para me despertarem as insónias traçoceiras.

Há lindos catorze anos eu li com alto prazer a Vida de S. João Bosco.

Não gostei da revisão.

Na página 27 vi *vaguetando e semeando* e pelo volume adiante havia bons trinta casos similares.

No alto da página 113 vi *notem-o* e seguiam-se-lhe a pouco e pouco uns quinze lapsos irmãosinhos.

Publiquei os meus reparos? Remeti para a Cabreira em carta amiga?

Nem os arquivos esclarecem, nem a memória me fala.

De 26 a 30 de Setembro último entretive-me pausadamente com as Allocuções para casamentos.

E rabisquei ao fim: — Tem coisas e loisas o livro que li! Não gosto dos latins sem serem vertidos.

A revisão tem os seus peccaditos.

O preço ficou altote.

A Livraria Cruz não trabalhou mal.

O livro tem muito suco e podem beber-se pensamentos e conceitos muito bem apropriados.

Deveriam evitar-se repetições várias e cingir-se o livrinho aos vinte escudos.

O esforçado Publicista da Cabreira trabalhou toda a vida em demasia.

Nunca digeriu resignadamente o aforismo inesquecível: — Muito e bem, há pouco quem. Chama-se isto agradecer?

Não. Isto tem um nome bem marcado: — E' ser ruim e maroto sem limites!

Francisco de Sousa Guise

Encontra-se entre nós, desde ontem, tendo vindo do Rio de Janeiro, de onde chegou na quinta-feira, por via aérea, o

nosso querido amigo Sr. Francisco de Sousa Guise, filho do benemérito e nosso ilustre conterrâneo sr. Albano de Sousa Guise.

De visita a sua mãe e irmãs que há tempos se encontram nesta cidade, e restante família, o nosso simpático amigo, a quem cumprimentamos, demorar-se-á pouco tempo em Portugal.

A Festa de Santo Antonino

Decorreu com grande animação e esteve bastante concorrida a tradicional Festa de Santo Antonino, que no domingo se efectuou no pitoresco Monte do mesmo nome, nos subúrbios desta cidade.

Foi brilhante a solenidade religiosa, em que prégou o Rev. João de Oliveira, talentoso Abade de S. Romão de

A Corrida de Toiros esteve animada

Realizou-se, no domingo, nesta cidade, a anunciada Corrida de Toiros — última da época — que registou uma assistência reduzida devido a haver nesse mesmo dia outras diversões em diversas localidades.

Mesmo assim a Corrida esteve animada, tendo brilhado alguns dos Artistas que nela tomaram parte, muito especialmente o cavaleiro Manuel Conde, que nesta cidade se exibiu pela primeira vez, deixando agradável impressão no público que o aclamou com entusiasmo. Murteira Correia e J. Rosa Rodrigues também foram alvo de aclamações.

Arraial Minhoto em PONTE DO LIMA

Uma Comissão composta pelos Srs. António Carlos dos Santos Fernandes Lima, António Paço Vitorino, Fernando Manuel Lobato da Cunha Guimarães, João Gomes de Abreu Lima e Nuno Manuel Perestrelo M. Pereira de Araújo Pimenta, levou ontem a efeito, no formoso Parque da Lapa, em Ponte do Lima, um atraente Arraial Minhoto, que ali reuniu distintíssimas famílias do norte do país.

Muito agradecemos o convite que nos foi endereçado para aquela festa elegante.

Medidas acertadas

De fonte autorizada sabemos que a P. V. T. vai intensificar o serviço de fiscalização das estradas, por forma a acabar com certos abusos e desmandos que se vêm registando, sejam eles praticados por profissionais ou amadores.

Foi isso o que determinou o Sr. Major Figueiredo Gaspar, novo Comandante da P. V. T. que esteve de visita ao Posto desta cidade.

A mesma Autoridade deu ainda instruções no sentido de serem vistoriadas as camionetes de carreira que partem desta cidade, anulando assim as incorrecções que possam ser praticadas por motoristas e cobradores. Serão também punidas com severidade as transgressões das regras de trânsito, sejam elas de excesso de velocidade ou de manobras consideradas perigosas.

Por essas medidas merece os maiores louvores o novo Comandante da Policia de Trânsito, visto que as mesmas tendem a pôr termo a certos abusos que se vinham verificando e que punham em constante sobressalto todas as pessoas.

Noticias militares

Nas regedorias concelhias foram afixados editais annunciando a segunda incorporação dos mancebos que têm de se apresentar de 1 a 3 de Outubro próximo nas unidades constantes dos mesmos editais.

As respectivas guias de marcha serão fornecidas na Câmara Municipal desde o dia 28 do corrente.

Confraternização

A gerência da Fábrica de Tecidos da Cruz de Pedra, Lda. para comemorar o 16.º aniversário da fundação da mesma Empresa, oferece ao seu pessoal no dia 18 do corrente um passeio recreativo à Póvoa de Varzim, onde se efectuará um almoço de confraternização.

Farmácias de Serviço

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, à Rua da Rainha.

Roubo de uma bicicleta

A policia desta cidade capturou em flagrante delito José de Sousa, de 24 anos, serviçal, natural de Moreira de Rei, Fafe e morador em Barcelinhos, concelho de Barcelos, no momento em que o mesmo pro-

## BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

A Inspeção da Zona Norte nomeou recentemente Comandante dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, o nosso estimado conterrâneo e amigo Eng.º Sr. Alexandrino Mendes de Almeida, transitando para Comandante Honorário da prestimosa Corporação Vimaranesa, a que há muitos anos vem prestando relevantes serviços, o Professor Sr. José Luis de Pina, figura de invulgar relevo nesta cidade.

O acto de posse do novo Comandante, de quem muito temos a esperar, efectuar-se-á em data ainda não designada.

A Direcção da Associação Humanitária dos B. V. de Guimarães recebeu um cativante officio de agradecimento pelos serviços que foram prestados numa casa pertencente ao Sr. Manuel da Costa, da freguesia de Urgez, por ocasião de um incêndio que ali se manifestou no passado dia 31 de Agosto.

Vem a propósito dizer que o mesmo Sr. Manuel da Costa está também muito grato à Companhia de Seguros «A Nacional», de que é agente em Guimarães o antigo e conceituado comerciante Sr. Camilo Laranjeiro dos Reis, pela maneira pronta como aquele sinistro foi resolvido.

Findas estas curtas férias, vamos encetar a fase final, estando prestes os depósitos das freguesias mais próximas da cidade, porventura aquelas que mais cuidadosamente têm de depor no nosso grande Inquerito.

Deixamos a proposição para o final, não só pela sua situação semi-cidadina, como porque a exteriorização da maneira de ser e de pensar de cada uma delas, terá preponderante influencia na explanação comum de ideias, com reflexo no futuro, mais ou menos próximo do alargamento da cidade, cuja área é absolutamente exígua, estrangulando o seu desenvolvimento.

Podem os responsáveis ir preparando as respostas aos quesitos, porque muito breve lhes bateremos à porta...

GONÇA (complemento)

As rematarmos as notas referentes à freguesia de Gonça, vindas a público no penúltimo domingo, deixamos em

APRIGIO NEVES DE CASTRO

A seu pedido foi recentemente aposentado o nosso prezado amigo e conterrâneo Sr. Aprigio Neves de Castro, que

Interesses de Guimarães

Pelo Ministério das Obras Públicas foi concedida à Câmara Municipal de Guimarães a participação de 87.600\$, destinada à construção da estrada municipal da Penha ao Alto de S. Simão (2.ª fase).

CASA — Aluga-se

A 10 minutos da Estação de Covas, com cozinha e quatro divisões. Boa situação e estrada à porta. Telefonar para o n.º 4293. 950

Mesão Frio, tendo decorrido muito animado o pic-nic, que reuniu elevado número de pessoas e o arraial, que se prolongou pela tarde fora e durante o qual foi queimado muito fogo.

O nome do respeitável vimaranense Sr. Gaspar L. Martins, o grande animador daquela linda festa e que se encontra ausente em Santos (Brasil), foi por todos lembrado com a maior saudade e alvo, portanto, de vibrantes saudações.

## A VOZ DAS FREGUESIAS

### Pequeno descanso...

Complemento sobre a freguesia de Gonça

Inquiridas já perto de sessenta freguesias do nosso concelho e divulgadas as suas necessidades mais urgentes por intermédio das nossas colunas, encontramos-nos, por consequência, quase no final da nossa missão de ouvir e relator do querer e sentir das nossas freguesias rurais.

Mais um esforço, mais um sacrificio e ter-se-á completado esta ronda demonstradora do interesse que às pessoas e às coisas das nossas freguesias suburbanas dispensa o nosso jornal.

Tem sido uma tarefa esgotante, e por vezes arreluiadora, porque as próprias dificuldades que pesam sobre os naturais de cada povoado, se refletem com preponderância na nossa acção perscrutadora.

Os maus caminhos, a rudeza na exposição de assuntos, a descrença dos indivíduos e outras coisas mais, são factores preponderantes para envolver de espinhos a missão a que livremente nos devotamos.

Mas o viver da população suburbana é tão diferente do da cidade, as suas faltas de comodidades são tão expressivas e tantas, que não se pode deixar o prosseguimento da jornada.

Todavia, não parece que nos fique mal um pequeno interregno de duas semanas, descanso que nos retemperará as forças para se jornadas até ao fim.

Findas estas curtas férias, vamos encetar a fase final, estando prestes os depósitos das freguesias mais próximas da cidade, porventura aquelas que mais cuidadosamente têm de depor no nosso grande Inquerito.

Deixamos a proposição para o final, não só pela sua situação semi-cidadina, como porque a exteriorização da maneira de ser e de pensar de cada uma delas, terá preponderante influencia na explanação comum de ideias, com reflexo no futuro, mais ou menos próximo do alargamento da cidade, cuja área é absolutamente exígua, estrangulando o seu desenvolvimento.

Podem os responsáveis ir preparando as respostas aos quesitos, porque muito breve lhes bateremos à porta...

suspensão a concretização adequada às actividades locais e à própria situação da freguesia.

Congratulamo-nos por tal precaução, pois novos elementos chegados a nosso poder permitem um ajustamento mais completo e que define com realismo o estado actual deste povoado extremado do nosso concelho.

Assim, relacionando os pontos que mais de perto tocam os interesses locais, concluimos que a freguesia não pode considerar-se em estado caótico. Tem de facto, necessidades e bastantes, como as têm outras freguesias do concelho. Está, porém, bem servida por estradas, que a ligam às sedes dos concelhos de Guimarães, Fafe e Póvoa de Lanhoso.

A Junta actual tem desenvolvido notável acção, pelo que se tornou merecedora da simpatia de todos os habitantes.

O fontenário do Largo de S. Mateus, feito a expensas da Junta e com a colaboração da Câmara, já está a servir a população, devendo construir-se brevemente os lavadouros públicos.

Já se pensa na reparação dos caminhos a que se aludiu nas notas anteriores. Esses — os indicados — estão efectivamente maus. Todavia, há outros que oferecem alguma comodidade.

A necessidade mais imperativa de Gonça, é a *Escola* em edificio próprio.

O cemitério está em mau estado, mas vai passar muito breve por grande reparação.

O mesmo vai acontecer à igreja paroquial, o que significa que as autoridades administrativas e eclesiástica local não descuram o engrandecimento e embelezamento da sua freguesia.

E, assim, aparece-nos Gonça sob um aspecto progressivo, freguesia que se ufana de possuir nma grande festa anual, que este ano se efectua nos próximos dias 25 e 26, com numerosas atracções, arraial e imponentes solenidades religiosas.

Trata-se da festa do Orago da freguesia — S. Mateus — a última das romarias de cada ano e que no presente será revestida de muito esplendor.

da cidade

Diversas Notioias

Medidas acertadas

Noticias militares

Confraternização

Farmácias de Serviço

Roubo de uma bicicleta

Confraternização

curava transaccionar uma bicicleta que havia furtado numa casa de bicicletas de aluguer próximo da Igreja do Senhor da Cruz em Barcelos.

O preso e a bicicleta foram entregues à polícia da mesma cidade.

**Apreensão de uma pistola**

Pela P. S. P. desta cidade foi apreendida uma pistola FN e de que era portador certo indivíduo, suspeitando-se que aquela arma tivesse sido roubada de dentro de um automóvel que estacionava no dia 1 junto do Teatro Jordão.

**Banda dos B. Voluntários**

A fim de abrilhantar as festas da Praia de Espinho, desloca-se àquela localidade nos dias 18 e 19 a nossa reputada Banda dos Bombeiros Voluntários.

**Sociedade filarmónica**

Dedicado aos respectivos sócios e suas famílias realiza-se no dia 16, das 21,30 às 23,30 horas, um concerto no Jardim Público, pela Banda desta colectividade vimaranense.

**Atropelamento**

O automóvel II 14-30 embateu, no Largo do Toural, com a bicicleta marca «União», conduzida por António Ferreira Barbosa, solteiro, de 27 anos, pintor, residente no Largo do Serralho. Não houve ferimentos registando-se prejuízos materiais de pouca importância.

**Um Bairro de Casas que se espera**

Há toda a conveniência em dar-se início o mais breve possível à construção do bairro de 50 casas no Monte d'Arcela, destinado à classe pobre, conforme o que se projectou há bastante tempo e para o que já foi concedida uma comparticipação.

**Felicitando**

As Direcções do Grémio do Comércio e dos Sindicatos Nacionais endereçaram telegramas de felicitações ao Sub-Secretário de Estado das Corporações por motivo da passagem do 4.º aniversário do seu empossamento.

**FALEGIMENTOS e SUFRÁGIOS**

**Maria Alzira Salgado Coelho de Lima**

Na residência de seus estremos pais, no Pevidem, e confortada com todos os Sacramentos da Santa Mãe Igreja, finou-se na tarde de quarta-feira, após prolongados e cruciantes sofrimentos, com a esperançosa idade de 18 anos, a bondosa menina Maria Alzira Salgado Coelho de Lima, estudante, filha do nosso bom amigo, sr. Francisco Martins Coelho de Lima e de sua esposa a sr.ª D. Maria Cândida Salgado Coelho de Lima e sobrinha do nosso prezado amigo Sr. Albano Martins Coelho de Lima e Avelino Coelho de Lima.

O triste desenlace, já infelizmente esperado, causou muita consternação naquele meio industrial, onde era geralmente estimada a inditosa menina que a morte tão cedo veio roubar aos carinhos da família.

O seu funeral efectuou-se na sexta-feira na paróquia de S. Jorge de Selho, onde foram rezados os respectivos fúnebres, tendo-se incorporado no préstito fúnebre muitas pessoas das relações da família dorida, à qual apresentamos sentidas condolências.

Sobre o feretro foram depositos muitos bouquets e ramos de formosas flores naturais, com sentidas dedicatórias

**D. Esmeralda Ferreira Teixeira**

Na sua residência à rua d'Arcela finou-se, após dolorosos sofrimentos, a Sr.ª D. Esmeralda Ferreira Teixeira, esposa do Sr. Francisco Maria Teixeira, industrial, e mãe do Sr. Eduardo Ferreira Teixeira e da Sr.ª D. Noémia Ferreira Teixeira.

A extinta, que contava 43 anos de idade era irmã das Sr.ªs D. Maria de Lourdes, D. Maria da Conceição, D. Carmen, D. Maria da Luz e D. Maria Adelaide Ferreira e dos Srs. António, Inácio, Elísio, Augusto, Francisco, João e Amadeu Ferreira e cunhada dos nossos bons amigos Srs. Inácio Ferreira da Costa e Ernâni Silva Guimarães.

O seu funeral, em que se incorporaram muitas pessoas das relações da família dorida, efectuou-se na sexta-feira à tarde para o cemitério de S. Pedro de Azurém.

A toda a família dorida apresentamos sentidas condolências.

**Adelina da Silva**

Na sua residência à Rua da Arcela finou-se a Sr.ª Adelina da Silva, mãe do nosso prezado amigo Sr. Afonso Antunes da Silva e do Sr. Francisco Antunes da Silva e da Sr.ª D. Maria do Carmo Antunes da Silva, ausentes no Rio de Janeiro; sogra do Sr. Manuel Joaquim Dias, industrial nesta cidade e tia dos nossos amigos Srs. João da Silva Antunes, ausente em Lourenço Marques e Gaspar da Silva Ribeiro Calisto.

O seu funeral efectuou-se no domingo para o cemitério de Atouguia com o acompanhamento de muitas pessoas das relações da família do-

**Boletim Elegante**

**Aniversários natalícios**

**António J. Pereira de Lima** — No próximo dia 18 faz anos este nosso querido amigo e respeitável vimaranense.



nense que à sua terra tem prestado relevantes serviços e que por isso mesmo se tornou crêdor da simpatia de toda a gente.

O asilo de Mendicidade de Santos Passos, a cargo da Irmandade de N. S.ª da Consolação e Santos Passos de que o Sr. António Lima é prestimoso Provedor, conta aquele estimado vimaranense no número dos seus maiores benfeitores.

A cidade também lhe deve serviços e sacrifícios, pois sempre o tem encontrado a seu lado para a defesa das suas aspirações.

«Notícias de Guimarães», felicita-o, pois, a propósito da breve passagem do seu aniversário natalício, desejando-lhe longa vida.

**José Torcato Ribeiro Júnior** — Também no dia 18 do corrente passa o aniversário natalício deste nosso querido



amigo e estimado vimaranense, homem que soube elevar-se pelo trabalho e que se tornou merecedor da simpatia e da consideração de toda a gente.

Amigo devotado dos pobres, sempre o encontramos a pugnar pelos infelizes no muito louável propósito de minorar-lhes os sofrimentos e as constantes privações.

«Notícias de Guimarães», que muito o admira, pelas suas belas qualidades de carácter, apresenta-lhe as melhores felicitações e faz votos pelas suas prosperidades pessoais.

**António Alberto Pimenta Machado** — No mesmo dia ocorre o aniversário natalício deste nosso simpático amigo e



estimado conterrâneo, que presentemente se encontra ausente em África e a quem queremos felicitar, enviando-lhe as nossas saudações e os votos de muita saúde e prosperidade.

**Fazem anos:**

No dia 13 as sr.ªs D. Maria da Madre-de-Deus Lobo Carvalho, D. Joa-

rida à qual endereçamos as nossas condolências.

**Maria de Jesus Gonçalves Mota**

Repentinamente finou-se há dias esta bondosa Senhora, viúva, mãe das Sr.ªs D. Maria Antonieta e D. Maria Margarida Gonçalves Mota e do nosso amigo Sr. José Gonçalves Mota e sogra da Sr.ª D. Maria Armanda da Silva Mota, tendo-se efectuado o seu funeral na quarta-feira

na Viamonte da Silveira Lobo Machado e D. Maria Fernanda Cabral Ferra e o nosso prezado amigo sr. José Maria Félix Pereira; no dia 14 Mademoiselle Maria Eduarda Dias de Castro Fernandes e o nosso prezado amigo e conceituado comerciante no Porto, sr. Francisco Alberto Costa; no dia 15 o sr. João Carlos Vieira de Andrade; no dia 16 os nossos prezados amigos sr. Domingos Ferra de Oliveira Guimarães, Dr. Francisco Pinto Rodrigues, Simão de Almeida Ribeiro e Adão Torcato Ribeiro e a menina Maria Alberta, filha do nosso bom amigo sr. David Martins e de sua esposa; no dia 17 o nosso prezado amigo sr. Artur Fernandes de Freitas; no dia 18 os nossos prezados amigos sr. Alberto Gomes da Silva Guimarães e Manuel António de Castro e a sr.ª D. Maria Emilia Marques Rodrigues Cardoso Laranjeiro, esposa do nosso bom amigo sr. Joaquim Laranjeiro dos Reis; no dia 19 os nossos prezados amigos sr. Conde do Paço Vitoriano e Simão Costa.

«Notícias de Guimarães», apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

**Partidas e chegadas**

Acompanhada de suas gentis filhas regressou de Vigo a Ex.ª Sr.ª D. Adalina de Sousa Guise.

De visita à Ex.ª Sr.ª D. Adalina de Sousa Guise e suas filhas, esteve ontem nesta cidade, acompanhado de sua esposa, o nosso ilustre amigo Sr. Cupertino de Miranda, importante banqueiro no Porto.

Regressou da Póvoa de Varzim com sua família o nosso ilustre amigo Sr. Conselheiro Raul Alves da Cunha.

Acompanhado de sua esposa regressou à sua casa desta cidade o nosso querido amigo sr. Dr. Maximiano Pinto de Simões.

Regressou a Lisboa o nosso bom amigo sr. António Ferreira Júnior.

Encontra-se com sua família na Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. Jesualdo Mesquita Vieira de Andrade.

Com sua família regressou de Viana do Castelo o nosso prezado amigo sr. Visconde Viamonte da Silveira.

Com sua família partiu para Souto (Santa Maria) o nosso prezado amigo sr. António Bourbon do Amaral.

A tratar da sua saúde tem estado em Chaves o nosso querido amigo e importante industrial sr. José Torcato Ribeiro Júnior.

O Professor Eurico Tomaz de Lima, depois de passar o mês de Agosto, na propriedade de um disctulo, em Barcelos, encontra-se presentemente com sua família, na «Quinta de Vilar», do seu querido amigo e distinto Engenheiro Agrônomo sr. Alberto Veloso de Araújo, em Vila Nova de Famalicão.

Tem estado em Lisboa o nosso bom amigo sr. José Marques de Macedo.

Com sua filha partiu para as suas propriedades de S. Mamede de Vila Verde (Douro) o nosso bom amigo sr. Major António J. T. Miranda.

Com sua família encontra-se na Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. David Martins.

Regressou da Póvoa de Varzim com sua família o nosso ilustre amigo sr. Conselheiro Raul Alves da Cunha.

Ausentaram-se de Guimarães durante o mês corrente os distintos médicos dentistas sr. Dr. Bravo de Faria, Dr. Alexandre Brito Sampaio e Dr. Alvaro Carvalho.

Encontra-se com sua família em Briteiros o nosso bom amigo sr. Pedro da Silva Freitas.

Partiu para a sua paróquia de Santa Eulália (Leste) o nosso prezado amigo sr. P.º António Pereira.

Esteve em Lisboa de onde já regressou Mademoiselle Maria José Ferreira da Costa.

Regressou à Figueira da Foz o nosso prezado amigo sr. José Rodrigues Trindade.

Esteve entre nós o nosso querido amigo e distinto colaborador sr. A. L. de Carvalho.

Tem estado nas suas propriedades de Pinheiro, perto de Guimarães o sr. Dr. Luis de Pina, ilustre Presidente da Câmara Municipal do Porto.

Com suas famílias regressaram de Vila do Conde os nossos prezados amigos sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Presidente da Câmara Municipal; Francisco Pereira Mendes e Alberto Costa.

Tem estado com sua família nas suas propriedades de Tenões, Braga, o nosso prezado amigo sr. Dr. João Fernandes de Freitas.

Com suas famílias regressaram da Póvoa de Varzim os nossos prezados amigos sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira, Gualdino Pereira, António Pimenta, António Pimenta Júnior e Joaquim Garcia.

Com sua família partiu para a Figueira da Foz o nosso prezado amigo sr. Alberto Laranjeiro dos Reis.

da paróquia de S. Sebastião para o cemitério de Atouguia.

A toda a família dorida apresentamos condolências.

**Artur Leite Bragança**

Os empregados das diversas secções da firma Bernardino Jordão, Filhos & C.ª Lda., mandam rezar um terço de missas no dia 13 do corrente, pelas 7,30 horas, na igreja de S. Pedro, pela alma do saudoso extinto e convidam as pessoas das suas relações e amizade a assistirem a este piedoso acto.

Partiu para as suas propriedades de Pencilo a sr.ª D. Maria de Lourdes Gerardo.

Com sua esposa regressou da Figueira da Foz, onde esteve a veranejar o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. Jerónimo de Almeida.

Com sua família partiu, com demora de algumas semanas, para Vila Real, o nosso prezado amigo e digno Tesoureiro do Banco Nacional Ultramarino sr. José Maria Nunes.

Com sua família regressou da mesma cidade o nosso bom amigo sr. Fernando Augusto Teixeira.

Regressou da Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. Ezequiel de Sousa.

Encontra-se a veranejar na mesma praia o nosso bom amigo sr. Joaquim Pereira Soares.

Esteve nesta cidade o nosso bom amigo sr. Joaquim Lopes Martins, estimado comerciante no Porto.

Com sua família partiu para S. Pedro do Sul o nosso bom amigo sr. José António Xavier de Matos Guimarães.

Tem estado na Póvoa de Varzim os nossos bons amigos sr. M. Faria e família e Aurélio Ferra.

Tem estado com suas famílias na mesma praia os nossos bons amigos sr. Jaime da Cunha Guimarães, Alberto da Cunha Guimarães, Jerónimo Sampaio e Jaime Ribeiro da Costa Sampaio.

Com sua família regressou de Ancoara o nosso bom amigo sr. Dr. José Maria de Moura Machado.

Estiveram em Lisboa os nossos bons amigos sr. Amadeu Guimarães e António Romano.

Com sua família regressou de Caldas Santas (Boticas), o nosso bom amigo sr. Artur Fernandes de Freitas.

**Desentes**

Em consequência de uma queda deastrusa encontra-se em tratamento numa Casa de Saúde no Porto, por ter sofrido fractura de um braço, a menina Maria Manuela, filhinha do nosso prezado amigo sr. José Mendes Ribeiro Júnior.

Lamentando a ocorrência desejamos de interessante criança o mais rápido restabelecimento.

Também sofreu a fractura de um pé, por motivo de uma queda, o nosso prezado amigo sr. Belmiró dos Santos Martins, que tem passado bastante incomodado.

Desejamos as suas melhoras.

Encontra-se melhor dos seus incómodos o nosso ilustre amigo sr. Almirante António Garcia de Sousa Ventura.

Esteve ligeiramente incomodado o nosso prezado amigo sr. Desembargador António Carneiro.

Desejamos o seu completo restabelecimento.

**Vida Católica**

Nossa Senhora da Guia — Esteve muito concorrida e decorreu com brilho a festa em honra de Nossa Senhora da Guia que se efectuou na quarta-feira na capelinha do Largo 1.º de Maio, tendo sido orador o rev. Joaquim de Almeida Ferreira da Silva, muito ilustrado Reitor da freguesia de Serzedelo, que fez com muita erudição o panegírico de Nossa Senhora.

A capelinha ostentava vistosa decoração e esteve durante o dia aberta aos fieis.

A Comissão de Senhoras para a Festa do próximo ano ficou assim constituída: Juiza D. Maria da Luz Neves Ribeiro Soares; Mordomas: D. Rita Duarte Xavier da Silva, D. Vitória de Sousa Guise, D. Maria Fernanda Ribeiro Ferreira, D. Maria Margarida Fernandes Martins, D. Ana Cândida Gomes da Cunha Machado e D. Rosa Fernandes.

Senhora da Piedade — A Irmandade de Nossa Senhora da Piedade, erecta provisoriamente no Templo da Misericórdia, manda celebrar hoje às 8 horas a missa anual em honra do seu Padroeiro.

Grupo Excursionista dos Amigos do Sagrado Coração de Jesus — Realizou-se no passado domingo 5 do corrente o passeio anual deste antigo Grupo Excursionista, decorrendo na melhor ordem e franca alegria, cujo itinerário foi o seguinte: Felgueiras, Lixa, Amarante, Mondim de Basto, Santuário de Nossa Senhora da Graça, onde assistiram a uma Peregrinação que nesse dia ali se realizou do Arciprestado de Mondim.

No regresso visitaram o túmulo de Frei Bernardo de Vasconcelos, regressando a Guimarães onde chegaram pelas 9 e 30 horas da noite.

Nesta excursão tomou parte o rev. Padre António Pereira que foi sócio fundador da dita Associação dos Amigos do Sagrado Coração de Jesus.

A Direcção deste organismo resolveu promover uma Peregrinação a Fátima no próximo ano de 1949 com passagem pela cidade da Guarda.

Encontra-se desde já aberta a respectiva inscrição no estabelecimento do Sr. António Antunes da Cunha à Rua da Rainha onde se prestam todos os esclarecimentos.

A mesma Associação realiza, no próximo dia 19 do corrente, a reunião mensal desta Associação, na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, pelas 8 horas, constando de missa prática e comunhão, etc.

S. Roque de Azurém — A Irmandade de S. Roque, erecta na igreja paróquia de S. Pedro de Azurém a que preside o rev. Padre João Pedro Pei-

**Teatro Jordão APRESENTA HOJE, às 15 e às 21,30 h.**

A mais estranha história de amor

**O ESTRANGEIRO**

COM: EDWARD C. ROBINSON, LORETTA YOUNG, ORSON WELLES.

Quarta-feira, 15, às 21,30 horas:

Uma cativante comédia musical, com canções, alegria e mocidade!

**MARGIE**

COM: JEANNE CRAIN, GLEN LANGAM, LYNN BARY, ALAN YOUNG.

Sexta-feira, 17, às 21,30 horas:

Um dos actores máximos do mundo!

**James Mason em CASA CERCADA**

COM: ROBERT NEYTON e KATHLEEN RYANN.

**Sociedade Industrial de Raione, L. da**

Fábrica de Sedas

RUA HONÓRIO DE LIMA, 410 — TELEFONE 8533/8933

**PORTO**

Comunica que tendo instalado uma nova máquina «Encoladeira», pode, a partir desta data, executar a encolagem de teias estreitas e largas. Executa ainda todos os serviços de preparação de tecelagem.

**Auto-Liz**

Lavagens • Lubrificações • Gasolina • Oleos • Pneus  
Mecânica Geral • Pintura • Bate-Chapas, etc.

**RECOLHAS**

Avenida D. João IV (ao Campo da Feira)  
Guimarães

**FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO**

**CASA CHAFARICA**  
(REGISTADA)

Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4306 — GUIMARÃES

Rneço: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Régional de Aveiro, Credit Franco-Portugais, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos «Shell», Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

xoto Sampaio de Bourbon, festeja nos próximos dias 18 e 19 de Setembro o seu Padroeiro com o programa seguinte: dia 18, ronda dos Zés-Pereiras e vistoso fogo de artifício; dia 19, às 8,30, missa cantada e sermão pelo rev. Padre Guilhermino Arieira. Às 15 horas adoração ao Santíssimo Sacramento seguida da procissão em honra de S. Roque e bênção do Santíssimo Sacramento.

**TERRENOS**

Próprios para edificações, vendem-se pequenas e grandes parcelas, no lugar de Margaride, junto à estrada Guimarães — Fafe.

**COMPRA-SE** uma espingarda de 2 canos, calibre 20, mona. Informa-se nesta Redacção.

**Causas de insucesso escolar**

Foi este o tema duma sensacional conferência proferida no Porto em 21 de Abril último, a convite da Liga de Profilaxia, pelo Dr. Paiva Boléo. Medico Escolar do Liceu de Gil Vicente, em Lisboa. Essa conferência, analisando proficientemente os variados motivos por que tantos estudantes não conseguem triunfar, e em especial os do curso liceal, despertou na ocasião o mais vivo e justificado interesse em todos quantos a escutaram, e por isso é uma boa notícia a de que esse bem fundamentado trabalho foi agora publicado pela importante revista «Medicina Contemporânea», tendo-se tirado uma separata que vai ser posta à venda ao público pela módica quantia de 500, revertendo o produto líquido a favor do custeio de novas publicações da LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL.

Todos aqueles, portanto, que não puderam assistir à conferência, e em especial os pais, tutores e professores, têm agora a oportunidade de estudar com o Dr. Paiva Boléo, e através deste livrinho tão claro e atraente, um assunto que muito lhes importa, ou seja a compreensão dos motivos de muitos insucessos de seus filhos, pupilos ou alunos, e a maneira de os evitar ou de lhes dar remédio, com evidentes vantagens para os estudantes, para as suas famílias e até para o Estado e para a sociedade.

# Um sacrificado ingloriamente

MULONDO 1915

Numa agenda para 1915 encontrei hoje, 27 de Julho de 1948, o seguinte apontamento inscrito no dia 10 de Julho daquele ano:

«Neste dia pelas 21 horas e 5 minutos chegou a este posto de Mulondo um segundo cabo, indígena, n.º 19 da 16.ª Companhia Indígena com 18 praças e 2 camelos e sobre um deles o cadáver do Capitão Roby.

Espólio: 26\$20, um relógio Longines (aço), uma carteira, \$190 em cobre, um par de óculos e estajo, uma bússola, um livro de apontamentos, cartão de identidade, cartão de identidade da Cooperativa, um capote cinzento de cavalaria, uma pistola, 12 cargas, três carregadores e estajo.

Foi morto pela gente do filho de Bixi, Calenga».

Referido ao dia 11:

«Foi sepultado pelas 16 horas o Capitão Roby. Sepultura entre o forte novo e o velho, no Mulondo, ao lado do soldado Virgílio Augusto».

Nenhum outro apontamento tenho na mesma agenda, a não ser que cheguei ao Mulondo em 18 de Abril e saí em 8 de Novembro do mesmo ano, de 1915; o resto são contas dispersas, no fim de cada mês, por onde venho agora a saber que, por ter andado tanto tempo pelo mato, quase um ano, poupei, por não haver onde eu gastar, 520 escudos daquele tempo, e que o soldo era de 142\$00 mensais.

Também se vê por estes apontamentos que cheguei ao Mulondo em Abril e não em Fevereiro, como pensava; que o Capitão Roby empregou 12 cargas da pistola, em sua defesa, das 24 que comportavam os 3 carregadores.

\*

Este apontamento com esta secção foi tomado certamente para transcrever, na carta que escrevi à Família, o que encontrei no cadáver e que seguiu juntamente com o auto, que me coube em sorte levantar.

Tenho duas cartas de D. Maria Inácia de Faria Roby e uma do Alvaro Roby, agradecendo-me, entre outras coisas, a remessa das cartas da Família, fotografias e as cartas da noiva, que entendi poupar à fiscalização oficial.

Juntamente com a carta para o Alvaro, que foi a primeira que escrevi, iam esses documentos e foi dirigida a Braga, dando-lhe um breve relato do desastre.

A Mãe, na sua impaciência e calculando que eu lhe desse notícias do Filho, abriu a carta, não esperando que esta fosse entregue ao Alvaro, que então estava em Lisboa, no Ministério da Justiça.

\*

Mas do pobre soldado Virgílio Augusto, de quem algumas vezes me recordo, sem lhe lembrar o nome, que agora fui encontrar neste apontamento, é que ninguém se recorda, nem por certo a Família, por onde quer que pare neste Mundo.

No entanto teve uma morte bem trágica e estupidamente inglória.

Era um daqueles ignorados soldados que por lá arrastavam as horas da ocupação, perdidos nas guarnições do interior numa vida dolente, meia selvagem e miserável de uns escassos cobres que o Estado lhes dava para, nas ocasiões em que estava ameaçada a nossa soberania, se transformarem em pacientes sofredores de todas as agruras, de todos os sacrifícios e de abnegações mal compensadas, ou em ardentes, ousados e heróicos combatentes, que foram avançando e conquistando aquelas terras.

Pessimamente fardados, até com dotações de indumentária imprópria do clima e serviço que desempenhavam; mal alojados, para seguirem a ancestral tendência da fusão dos povos, trocando o pobre alojamento do Estado pela cubata onde viviam com uma preta; mal alimentados, porque, além do escasso vencimento, o que lhes davam para se manterem pouco ia além do passado indígena, e este ainda repartido pela sua companhia; mal pagos, porque a este, pelo que me recordo, andavam os vencimentos atrasados uns três anos; tudo isto fazia dessas pobres criaturas uns entes quase cafirealizados e agarrados àquela vida com raízes tão profundas, que poucos eram os que desejavam voltar à sua terra.

## MATAR SAUDADES

VIII

Hoje S. Domingos de cima, onde eu era capelão, queria tirar a vez a Padroeira, mas não logrou o triunfo. E a razão é simples: a Oliveira é sempre a Oliveira.

E parece que tudo me está a dizer que da Oliveira principalmente devo falar. Até dois factos singulares que se deram nos últimos 8 dias.

Em tempos houve em Pra-

Esse por lá estava e já tinha vindo do Sul, na retirada, e desempenhava o seu serviço naquelas forças do Mulondo.

Quando lhe competia, fazia, com um soldado indígena, a vigia no tambor voltado a Sul, junto do canhão revólver, de marinha, e da metralhadora «Nordenfeldt», únicas armas pesadas da guarnição.

Este serviço nada tinha de pesado e consistia em estarem ali os dois durante creio que quatro horas, olhando o que se passava em volta do forte, até onde pudessem observar qualquer movimento, e comunicarem o que viam.

Ora a porta do meu quarto, como aquelas construções eram bastante rudimentares, conquanto já com certo progresso evidente, não se aguentava bem nas dobradiças, precisando, para se conservar aberta, de um calço que, na ocasião em que fui para lá, era uma granada antiga de uma peça de carregar pela boca.

A peça, que pertencera ao forte velho do Mulondo, já tinha sido levada há muito para Lubango, e a granada, segundo me disseram, foi encontrada nos antigos fossos e trazida para o forte novo, e andava por lá aos pontapés de toda a gente até que veio servir de calço da porta do meu quarto.

Aquilo aborrecia-me de estar a remover com o pé a granada para ter mão na porta, e chamei um soldado, que tinha manhas de carpinteiro que lá me arranjou, e a granada lá continuou a andar aos pontapés de quem topava com ela, tão inofensiva parecia, e era considerada.

E nunca mais ninguém se importou com esse trambolho, cuja utilidade tinha cessado.

Até que um dia pela manhã, estávamos nós no pavilhão a tomar o primeiro almoço, ouve-se um estrondo surdo e profundo, que abalou todas as edificações; a sentinela da porta das armas bradou, formou a guarda, os soldados correram para os seus lugares, e nós abandonámos imediatamente o pequeno almoço para nos dirigirmos aos nossos postos.

Ainda por lá andava um resto do efeito de Naulila e vi um soldado cabo-verdeano, nesse dia de ordenanças, juntar-se ao Comandante, dizendo: «os alemães! os alemães!»

Efectivamente, só se explicaria essa explosão se fosse proveniente de uma granada disparada lá de longe e caída no forte.

Mas não, e a explicação tivemos-la imediatamente quando correu para nós o soldado indígena, que estava de vigia, todo ensanguentado, bradando que foi o soldado branco que tinha morrido com a explosão provocada por ele.

O pobre Virgílio Augusto encontrou a granada agüres, abandonada e sem préstimo algum, e resolveu, pelo que se presume, entreter-se a desparafusar-lhe a extremidade, que nunca ninguém supôs que fosse uma espoleta e que a granada estivesse carregada.

Com a ponta da baioneta, como contou o soldado indígena, tentou deslocar o que parecia um parafuso, e tirou-lhe até parte da ferrugem e, como não pudesse ainda desandá-lo, bateu-lhe com o punho do sabre, apertando-a contra a barriga.

Foi nessa ocasião que a granada explodiu e o pobre Virgílio Augusto morreu instantaneamente, e o outro vigia ainda foi atingido sem gravidade.

Os seus despojos foram dados à sepultura no local onde depois lhe foi fazer companhia o Capitão Roby.

\*

Minha Irmã, quando há dias lhe expunha este episódio, recordou-me o que contei a meus Pais quando, regressado em 1919, lhes relatava acontecimentos da minha vida de África, do que tinha acontecido ao Sebastião Roby, que todos conheciam.

Dizia-me ela:

— E tu até contaste que um de vós, talvez tu ou o Coronel Amaro Dias, ou qualquer outro, na ocasião em que sepultaram esses militares disse: «se algum aqui presente se lembra das orações da sua infância, que reze um Padre Nosso por estes nossos camaradas, que certamente desejariam, bem

originalidade, ao do Padre Melo de Prazins. O melhor da festa não é isso. E este é o facto culminante, que me levou a deixar hoje em paz a minha antiga capelania de S. Domingos de cima. O facto é simples, é certo, mas reveste singulares características.

Há anos pude adquirir num alfarrabista de Viana do Castelo uma colecção por que de há muito suspirava: a das *Leituras Populares*, que em Lisboa se publicaram, e que oferecem leitura sumarenta e abundante sobre coisas religiosas. Nem sempre a pureza da linguagem se casa nelas

como suas Famílias, ter os socorros religiosos».

E todos nós rezámos o Padre Nosso, que felizmente ainda não tínhamos esquecido.

Parece que ainda querem encher-me os olhos as mesmas lágrimas que caíram sobre a terra que cobriu estes dois sacrificados, apenas acompanhados pela comção de quem se sente mais só por ter desaparecido para sempre um companheiro, longe do calor dos braços que lhes ampararam a infância.

Há 33 anos...

Juqueiros — Felgueiras, 27-7-48.

### A de Quadros Flores.

De um projecto de «Membrias».

Rectificando — No último artigo que publicámos deste nosso distinto colaborador saiu a palavra Moçambique em vez de Mossamedes.

Fica assim feita a devida rectificação, pedindo do lapso muita desculpa.

## Romarias de Portugal

Terminada a faina dos campos, depois do esforço heróico das ceifas e debulhas, arrecadado o grão nos celeiros, o povo dá largas à sua alegria, pagá às vezes, por reminiscências activas, místicas outras, largamente fundamentadas nas raízes seculares da sua Fé.

E' nesta quadra que os dias do calendário marcam grande número das romarias do ano, festas com as suas tradições e crenças, sempre cheias de alegria e cor, de bulício e contentamento.

E' o Portugal romeiro a persistir no cumprimento dos seus votos em torno das capelas e ermidas da sua Fé.

Desde o Minho ao Algarve, estas festas são sempre um clamor de alegria ingénua, escaurite pelo impulso do entusiasmo e pelo fulgor do sol, rutilo e ardente, a encher de luz o adro da capela, a Virgem no seu andor, os anjinhos, a multidão apinhada, vale e serra.

Foguetes estrondeiam no ar. Bandas reluzem niqueladas e amarelas e barulham valsas e marchas, boas para acertar o passo ou para impelir o pé na dança do terreiro além.

Há joelhos que sangram, roçando a areia, no cumprimento de promessas, lábios bichando no fervor das orações.

E' enfim, o momento em que a alma portuguesa vive para a alegria ruidosa e comunicativa ou se eleva muito para além das coisas terrenas na ansia de penetrar no céu.

De norte a sul de Portugal, por essas aldeias e vilas, as romarias sucedem-se, todas como expressão de contentamento e momento de Fé, a Fé piedosa do nosso povo que reza a cantar e tem nesses dias de descanso ocasião para se reunir em amiga e fraterna amizade, mostrando o vistoso dos seus trajos, o peso dos seus cordões de oiro a afogar o peito, florinhas ingénuas de papel postas à banda, nos chapéus.

Para além da vivacidade minhoto, esufiante de cor e de bulício, da toadilha arrastada da Beira Baixa ou da plágencia alentejana, a romaria portuguesa tem toda a mesma expressão e nela se contém a mesma verdade. E' o povo português, através das suas lendas e tradições, das suas useiras e costumes; folgando ou bebendo, comendo ou rezando, que se evade por momentos das preocupações cotidianas sem se poder libertar, contudo, do atavismo milenário que lhe anda no sangue através da cadeia sucessiva das gerações. Embora, acima de tudo uma lição as impõe: quando um povo não perdeu ainda a alegria e sabe rezar com fé, que são as duas constantes das romarias de Portugal, sinal é que a sua reserva espiritual se mantém acesa e se não deturpam as grandes virtudes que o tornaram grande e o há-de continuar através dos tempos.

## Higiene da Venda do pão

A Direcção da Liga Portuguesa de Profilaxia Social dirigiu ao Ex.º Sr. Prof. Luís de Pina, ilustre Presidente da Câmara Municipal do Porto, um officio sobre este importante assunto, concebido nos seguintes termos:

Ex.º Sr. Presidente. — Desde há muito que, como V. E.ª sabe, esta Liga se vem ocupando aturadamente

da hygiene das padarias e da distribuição e venda do pão, tendo em princípios de 1936 obtido da Ex.ª Câmara Municipal do Porto a promulgação duma Postura resolvendo cabalmente o assunto. Em seguida a Liga solicitou da mesma Ex.ª Câmara a cedência de 500 exemplares do respectivo edital, que enviou a todos os Municípios do País, com uma exortação, a que seguissem tão bom exemplo; em resultado do que logo a Câmara de Guimarães instituiu medida análoga, propagando-se depois o movimento a várias outras cidades e concelhos.

E como a Postura da Câmara Municipal do Porto foi por esta aprovada por proposta de V. Ex.ª, que então occupava o cargo de vereador na edilidade presidida pelo Ex.º Sr. Prof. Dr. Alfredo de Magalhães, e como, infelizmente, essa Postura foi logo a seguir suspensa devido a reclamações dos Industriais de Padaria, sendo no entanto esta Liga informada pelo Ex.º Sr. Director dos Serviços Centrais e Culturais, Dr. Artur de Castro Corte-Real, em Agosto de 1938, que a Commissão Distrital de Hygiene estava activamente estudando o assunto a Direcção da Liga Portuguesa de Profilaxia Social vem pedir a V. Ex.ª para chamar outra vez a si este importante assunto, de modo a ser novamente posta em vigor a Postura suspensa.

Conforme se lê num officio e dessa Ex.ª Câmara ao Sr. Governador Civil do Porto, transcrito no officio dirigido à Liga que acabamos de citar, «a distribuição domiciliária de pão é feita sem grandes escrúpulos, sendo frequente ver o pão caído à via pública e metido novamente nas canastras», ao passo que «muitos consumidores apalpm o pão para ver o que mais lhe agrada»; ora as condições de venda não são hoje diferentes do que estas palavras indicam, podendo assim atribuir-se em parte a estas faltas de hygiene — e ainda a outras, como a venda ambulante de doces e guloseimas expostas às moscas e às poeiras o dia inteiro — o recrudescimento temporário da febre tifoide e de outras infecções intestinais, cujo tratamento custa ao Estado avultadas quantias.

Por todos estes motivos, a Direcção da Liga de Profilaxia espera que V. Ex.ª que além de Presidente da Edilidade é um ilustre Professor da Faculdade de Medicina, resolva definitivamente o problema da distribuição higiênica do pão, determinando que este volte a ser entregue ao domicilio devidamente embrulhado. E só nos resta, Ex.º Sr. Presidente, apresentar-lhe o testemunho da nossa consideração elevada.

A Bem da Nação

Os Directores,

aa) António E. de Magalhães, Gil Costa.

## Livros & Jornais

«VER E CRER» — Está distribuído e recebemos mais um número do excelente mensário «Ver e crer», que é, no seu género, a única publicação portuguesa e que, entre nós, criou um tipo com verdadeira categoria europeia, tanto pela variedade e categoria dos assuntos, como pelo nome dos autores que tem chamado a colaborar. Com excelente e moderna apresentação, «Ver e crer» — fiel à sua insignia de «cada assunto vale um livro» — é um repositório de leituras atractivas, onde sempre se colhe um ensinamento útil. A parte literária é muito bem cuidada, o mesmo se podendo dizer das ilustrações e das suas artísticas capas.

Passa-se Mercaria, permissa de do centro da cidade, com bastante clientela. Informa-se nesta Redacção.

Cadela coelheira -- PERDEU-SE. Dá pelo nome de *traquina*, cor amarela com malhas brancas. Gratifica-se quem a entregar em casa de Manuel Cardoso do Vale, na Av. Conde de Margaride, assim como se procede, a todo o tempo, contra quem a retiver.

Padaria--passa-se. Apretchadario. Informa esta Redacção.

com a magnitude do assunto, porque se trata de coisas traduzidas, e em geral mal traduzidas; mas para mim a colecção vale muito.

Pois querem saber o que succedeu? Tendo nas horas vagas examinado um por um todos os volumes — que são 13 — agarrei finalmente no último, abro-o ao acaso, e que leio na página que apareceu? Nada menos que uma poesia sobre a igreja da Oliveira.

A poesia não será uma obra prima, mas eu com certeza que nem assim a fazia. E' seu autor o Sr. J. F. de Serpa Pimentel. Ora, se me não enganar, este cavalheiro colaborou na revista

# ARAME E FERRO PARA RAMADAS

Consultem a Casa que mais barato vende

Reinaldo, Martins & Gonçalves, L.ª  
R. Paio Galvão — Telf. 4121.

**FERRA & IRMÃOS, L.ª**  
JOALHEIROS FABRICANTES  
Execução perfeita em jóias que fabricam  
RUA DE CAMÕES, 28 GUIMARÃES TELEF. 4160 P. F.  
END. TELEG. FERMÃOS

**SOCIEDADE ÓLEOS INDUSTRIAIS, L.ª**  
PRODUTOS QUÍMICOS PARA AS INDÚSTRIAS TEXTEIS E CURTUMES  
Armazém: Largo Cónego José Maria Gomes, 39  
Escritório: Rua de Camões, 28  
GUIMARÃES

**GARAGEM SOARES**  
ESTAÇÃO DE SERVIÇO — ELEVADOR DUPLO  
Recolhas - Lavagens - Lubrificações  
Cargas de baterias e reparações de automóveis  
AVENIDA CONDE DE MARGARIDE  
TELEFONE, 4458  
GUIMARÃES

**Agentes Transitários e Camionistas**  
Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e importação. Sua Recolha ou entrega no Domicilio.  
**JOSE DE MELLO**  
Casa fundada em 1828  
ESCRITÓRIOS: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazens de Retem e Depósitos (Area coberta: 8.000 metros quadrados)  
EM MATOSINHOS: R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903  
Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

**ESTANCIA DE MADEIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS**  
LENHAS  
**CASTRO & SEQUEIRA, L.ª**  
RUA DA PONTE DE SANTA LUZIA • GUIMARÃES

O *Trovador*, que se publicou pouco tempo na Lusa Atenas e em que deixaram primores de poesia João de Lemos, Xavier Cordeiro e outros.

Seja como for, não hei-de largar hoje a pena sem dizer o cabeçalho dos versos que é: *A Igreja da Collegiada de Guimarães*.

Não ocultarei que o poeta investe de arma em riste contra os profanadores do belo templo, contra aqueles que o alteraram e deformaram.

Só lhes cito, por hoje, a primeira estrofe; mas todas as outras afinam pelo mesmo diapasão:

Aquele é o templo vetusto Do berço da monarquia. Arrebicaram-no louros Co'a modesta louçania; E ali jaz abandonado Do escárneo a rebeldia.

Se um dia o *Notícias de Guimarães* crescer e tiver muito espaço disponível, irá o resto da terrível catilinária.

ERRATA: No último artigo deste nosso ilustre colaborador, onde se lê *ones et bones* — deve ler-se *oves et boves*.

*O amor à Terra e à Grei, eis o nosso lema.*